



LISÂNIAS
MOURA
CRISTÃO
HOMOAFETIVO?

Um olhar amoroso à luz da Bíblia



LISÂNIAS MOURA

CRISTÃO HOMOAFETIVO?

UM OLHAR AMOROSO À LUZ DA BÍBLIA



mundocristão
São Paulo

SUMÁRIO

<i>Agradecimentos</i>	9
<i>Apresentação</i>	11
<i>Prefácio</i>	15
Introdução	19
1. Homoafetividade à luz da Bíblia	27
Como Deus vê a homoafetividade?	
2. Ser, sentir e fazer	53
O que está de fato errado com a homoafetividade?	
3. Jesus e os excluídos	75
Como Cristo trataria um homoafetivo?	
4. Sou cristão e sou <i>gay</i>, pode ser?	99
A tensão entre seguir Jesus e lidar com a própria homoafetividade	
5. Meu filho é <i>gay</i>, o que eu faço?	127
Como os pais podem lidar com essa descoberta delicada?	

6. Quando a igreja encontra o homoafetivo	151
Como a igreja pode refletir Jesus para quem luta contra a cultura e a prática homossexual?	
Conclusão – A esperança que Jesus oferece	171
Mantendo a decisão da escolha pela identidade em Cristo	
E quando o pastor ou líder admite a homoafetividade?	181
Perguntas frequentes	189
<i>Notas</i>	197
<i>Referências bibliográficas</i>	203
<i>Sobre o autor</i>	207

PREFÁCIO

Lembro-me de um amigo, zagueiro profissional de um time de futebol, que me confidenciou que seu técnico estudava a ficha médica dos jogadores do time adversário antes de cada jogo. Uma vez informado de uma lesão recente, avisava seus zagueiros para que se tivessem de dar uma entrada mais dura, aproveitassem a fraqueza ou a vulnerabilidade do adversário. Isso me faz pensar que se naquilo que é “o mais importante das coisas sem importância”, ou seja, no futebol, um técnico chega a estudar quais são os pontos fracos do adversário, como então o inimigo de nossa alma não seria estratégico em seu ataque ao plano de Deus.

Família é central no plano divino. Não me refiro ao ideal tão divulgado nas últimas décadas do evangelicalismo: papai (de gravata), mamãe (sempre cuidando da casa), um filho (com uma bola na mão), uma filha (sempre de vestido) e um cachorro. Nessas ilustrações, todos estão sorrindo, como em uma propaganda de margarina, são gentis e saudáveis — em resumo, são a imagem do sucesso. Uma família assim pode até ser atraente, mas tem um problema: ela não existe! E a constante promoção deste ideal na igreja evangélica tem sido uma dos maiores geradores de dor e frustração entre famílias de verdade.

Família é central no plano de Deus, pois ele é comunidade. Nunca houve um tempo em que Deus não fosse comunidade. Ele sempre existiu como Pai, Filho e Espírito. Um raciocínio muito simples nos faz ver a verdade desta afirmação: a Bíblia afirma que Deus é amor (1Jo 4.8,16), e amor não é algo que existe no vácuo, na individualidade. Para que haja amor, precisa haver o outro. Se Deus é amor e é imutável, ou seja, sempre foi amor, ele só podia amar tendo outro a quem amar.

Família é central no plano de Deus, pois parece ser a unidade básica de sua ação. Ele criou um indivíduo e logo afirmou que não era bom que ele estivesse só. Por essa razão, lhe deu uma esposa (Gn 2); ou seja, Deus não começou com um clá, uma tribo ou uma coletividade, mas com uma família. O conhecido texto de Gênesis 12.3 afirma que em Abraão seriam abençoadas todas as famílias da terra. Mesmo em uma leitura superficial, Deus promete um descendente que será o resgatador, e Satanás traça e executa um plano para destruir a família que um dia geraria esse resgatador. Pode-se dizer que Satanás odeia o conceito de família, tanto que desde o início busca intervir na unidade familiar.

Na família amamos, mas também odiamos. Na família uns se sacrificam pelos outros, mas também sacrificam os outros. Na família temos proteção, mas também opressão e mesmo exploração. O conceito de família reflete nossa característica humana de uma “gloriosa ruína”. Gloriosa pois foi criada por Deus para ser a unidade básica, e ruína porque estamos sob ataque desde a criação, desde a queda.

Dentre os ataques mais catastróficos à família como plano de Deus, estão as distorções da sexualidade. Por ser tão poderosa e íntima, a sexualidade é um dos aspectos mais vulneráveis de nossa humanidade. Uma área capaz de tanto prazer e experiências de êxtase, ao mesmo tempo capaz de tanta dor, miséria e sofrimento. Nesse âmbito, a homossexualidade é um tema que não pode ser evitado. Defendida como uma realidade natural e, portanto, aceitável da sexualidade humana, a homossexualidade tem sido talvez um dos

maiores dilemas modernos para a Igreja. Dilema por ser algo tão íntimo, tão poderoso e tão cercado de incompreensões.

Há não muitos anos, a prática homossexual era crime. Hoje, não só é defendida por lei, como há poderosos *lobbies* promovendo um extenso conjunto de leis de proteção ao homossexual. Embora sempre presente na humanidade, a homossexualidade passou por períodos de aceitação e rejeição sociais. A tradição judaico-cristã, no entanto, é praticamente unânime em entender que Deus reprova a prática da homossexualidade. Nas últimas décadas, no entanto, essa posição tem sido desafiada de modo cada vez mais vocal. Recentemente, ouvi um professor de um seminário renomado nos Estados Unidos defender que a oposição da Igreja evangélica à homossexualidade é semelhante à defesa da Igreja evangélica americana à escravidão negra e, portanto, deve ser revista.

Nos últimos anos, debruicei-me pessoalmente sobre o tema, levado por questões pastorais e de pessoas a quem amo. Li muito, estudei, conversei com pessoas que lidam com a homossexualidade na própria vida, em seus consultórios e famílias. Chorei com vários que, tendo sido atingidos por esse dilema, sentem-se aleijados em termos emocionais, relacionais e espirituais. Deparei com posturas simplistas pretendendo ser bíblicas e com posturas arrogantes pretendendo ser libertárias. Em resumo, é um tema que não gera neutralidade. Nesse contexto, era necessário um posicionamento pastoral e bíblico que, representando o caráter conservador da Igreja evangélica brasileira, pudesse tratar do tema com profundidade, sinceridade e com um forte viés prático pastoral. Fiquei muito feliz ao ouvir que meu amigo Lisânias Moura aceitou o difícil encargo de pôr no papel um posicionamento bíblico e pastoral sobre o tema.

Lisânias é um homem de convicções profundas, mescladas com um coração pastoral que sempre me estimulou a buscar copiá-lo. Ele não é estranho aos dilemas da homossexualidade, seja no contexto de famílias, da igreja ou de sua prática pastoral. Já tive conversas com Lisânias sobre situações difíceis relacionadas a esse e outros temas. Assim, fiquei feliz que ele tenha aceitado abordar o tema e ainda mais feliz com a obra que produziu.

O texto que você tem em mãos é profundo sem ser estéril. É amoroso sem evitar verdades difíceis. É prático sem ignorar a complexidade do tema. Com certeza não é um texto definitivo, visto que apenas a Bíblia pode ser vista como definitiva neste como em qualquer outro assunto, mas é um trabalho que pretendo utilizar com os líderes da igreja a que sirvo e com todos aqueles com quem tiver de trilhar esta jornada.

Leia com atenção, com o coração e a mente. Questione, investigue, não se satisfaça com o que lhe parecerem verdades superficiais. Sei que Lisânias não se abalaria com indagações ou mesmo confrontações. Sei do seu compromisso com a verdade e com o amor de Jesus.

Minha sincera oração é que este livro sirva de estímulo a que muitos que lutam com esse dilema busquem ajuda. Ao mesmo tempo, oro para que aqueles que aceitaram o chamado de cuidar dos que “nos foram confiados” aceitem também entrar nesta “escuridão” firmados na verdade expressa na Palavra e no amor que nos alcançou. Oro, por fim, para que, como igrejas, sejamos mais acolhedoras, sem deixar de ser ensinadoras; mais amorosas, sem deixar de ser verdadeiras; mais atraentes, sem deixar de ser transformadoras.

Ao Lisânias, meu — e, se posso ousar falar em nome da Igreja brasileira, nosso — muito obrigado por seu trabalho de amor e por sua firmeza.

DANIEL LIMA

Pastor da Igreja Batista do Conde, em Porto Alegre (RS)

INTRODUÇÃO

As características inerentes à cultura atual nos apresentam situações e desafios próprios. Mais do que nunca, o que importa hoje não é o certo, mas o que cada pessoa define como certo para sua vida. Porém, essa forma individualizada de determinar o que é correto afeta profundamente os relacionamentos interpessoais e a imagem que a pessoa tem de si, porque pouco importa se o que for bom para ela não for para o outro. O importante nesse tipo de pensamento é a realização pessoal, mesmo à custa de perdas e dor para o outro.

Assim, o senso comum prega que ser feliz é o que importa. E, de acordo com esse lema, se coisas como embriagar-se, drogar-se ou faturar ilícitamente trouxerem felicidade, vá em frente! Esse hedonismo está integrado à crença e à prática de diversos grupos sociais, em especial daqueles que abraçam a causa da homoafetividade ou se definem como homossexuais.

Quando uma pessoa adota completamente a agenda do movimento LGBT, de certa forma pode até viver feliz. No entanto, viver a homoafetividade traz muitas vezes angústia e sentimentos de rejeição. A família sofre. A igreja, se a pessoa faz parte de uma, sofre. Isso porque, como veremos mais adiante, a família

e a igreja nunca estão de fato preparadas para ouvir declarações homoafetivas da parte de seus filhos e membros. Quando isso acontece, é necessário trilhar um longo e desértico caminho de aprendizado, aceitação e resolução. Um caminho, ressalte-se, que nem sempre é livre de dores.

Por trás da alegria *gay*, ninguém nega que há sofrimento.

Este livro trata do que a Bíblia diz sobre homoafetividade. No entanto, não pretendo dar a palavra final sobre o assunto. O alvo primário desta obra é olhar para a homoafetividade pela ótica bíblica, apontando um caminho de esperança não somente para aqueles que lidam com sentimentos homoafetivos, mas para sua família e para igrejas que querem refletir Cristo.

A Bíblia deixa claro que o amor de Jesus não depende de cor, nível social, escolaridade e, muito menos, orientação sexual. Cristo quer dar a todos vida plena e abundante no mais amplo sentido da palavra, a despeito de qualquer circunstância. Assim, desejo encorajar cada um a descobrir essa vida que Jesus oferece e que só existe quando há um relacionamento pessoal e íntimo com ele. E, para ajudar você, peço-lhe que complete a caminhada descrita neste livro. Etapa a etapa, as peças serão unidas de modo a alcançar, no final dela, unidade de sentido.

Você imaginaria que um dia um *tsunami* arrasaria sua casa ou que o fogo poderia consumi-la? Há certas experiências da vida que nunca cogitamos enfrentar. Pensamos que são exclusividade dos outros. Muitos, porém, passarão por experiências inesperadas, desafiadoras e por vezes aterrorizantes. Mas mesmo essas podem se transformar em marcas da graça de Deus. Veja o exemplo de Roberto e Rose.

Ambos eram filhos de casais que se amavam e amavam a família. Roberto era o caçula e via o pai tratar os filhos de maneira muito firme e amorosa. Como todos os seus irmãos se casaram no início da vida adulta, Roberto desfrutou por mais de quatro anos da atenção especial dos pais. Durante esse período, ele viveu como filho único, o que lhe permitiu perceber melhor como o

pai tratava a mãe, uma verdadeira heroína. Ela trabalhava oito horas por dia em uma loja de confecções e, quando chegava em casa, dividia o trabalho doméstico com o marido, preparava o jantar da família e ainda reservava tempo para compartilhar com os filhos princípios da Palavra de Deus.

Até se casar, Roberto desfrutava de um tempo a sós com o pai pelo menos duas vezes por mês. Eram momentos dedicados a atividades como leitura da Bíblia, oração, pesca e longos diálogos. Casamento era sempre um tema recorrente nessas conversas, especialmente depois que Roberto ficou noivo de Rose, a mulher com quem ele sempre sonhara: bonita, inteligente, vívida, com gostos semelhantes ao dele e, acima de tudo, alguém que amava a Jesus.

Rose vinha de um lar que se poderia chamar de cristão, mas com certos problemas. Os negócios do pai faliram em decorrência de mau uso ou desvio de dinheiro, e o longo tempo de recuperação da empresa foi difícil para a família. A igreja que frequentavam reagiu de maneira fantástica. Fez-se presente, encorajando e prestando ajuda financeira. A família original de Rose era conhecida como um núcleo em que todos se amavam, e a dificuldade financeira havia aprofundado ainda mais o amor mútuo que já expressavam dentro e fora de casa. Mas algo pior que a falência dos negócios estava por vir.

Roberto e Rose se casaram e viveram em paz por muitos anos. Porém, certo dia tiveram de enfrentar uma situação tumultuada. Quase no final do processo de recuperação financeira, o pai de Rose reuniu a família para dizer que tinha um filho fora do casamento. Se naquele momento o sentimento era o de estarem enfrentando uma marola, por terem superado as dificuldades financeiras mais graves, de repente passaram a viver um *tsunami*. Embora os anos de recuperação da bancarrota tivessem sido difíceis, a notícia inesperada abalou de modo devastador a estrutura familiar.

Nesse ínterim, a família de Roberto também enfrentava algo muito difícil. O irmão mais velho dele reunira a família para

anunciar seu divórcio e comunicar que, havia algum tempo, estava vivendo com outro homem como seu parceiro afetivo.

Roberto e Rose tiveram de enfrentar, perplexos e impotentes, essa situação duplamente difícil. Como lidar com tais situações? Eles pareciam não encontrar a resposta.

Ao mesmo tempo, outra pergunta os assolava: como duas famílias que se diziam seguidoras de Jesus, que tiveram experiências significativas com Deus, podiam estar vivendo situações como aquelas? Seria Deus injusto ou estaria ele castigando-os? Eram perguntas difíceis e, claro, muito dolorosas, diante do desapontamento e das expectativas frustradas. As revelações geraram não somente questionamentos e dores, mas vergonha e insegurança. Vergonha diante dos fatos que vinham à tona e insegurança de que talvez já não fossem amados como antes.

A igreja que as famílias de Roberto e Rose frequentavam também sentiu o impacto das revelações. Na época, o irmão de Roberto era líder do ministério com casais jovens. Por sete anos, havia dirigido retiros de casais, estudos bíblicos sobre casamento, aconselhado casais na iminência do divórcio. O pai de Rose, por sua vez, era líder dos diáconos.

Aqueles acontecimentos suscitaram perguntas delicadas e difíceis nas pessoas que caminhavam com esses líderes. Será que o ensino deles era realmente verdade? Será que sua liderança se caracterizara pelo blefe enquanto, conscientemente, mantinham uma vida dupla?

No seio da igreja as notícias foram chegando como uma bomba. As emoções afloraram. De um lado, havia aqueles que diziam: “Crucifique-os!”. Sim, a ira surge em um contexto como esse. Quem os tinha como modelo se encheu de indignação. Havia um sentimento de traição e, na visão daquelas pessoas, quem trai merece ser punido, sem possibilidade de perdão ou reconciliação. “Eles mancharam o nome da igreja na cidade”, diziam alguns. Era a ira por terem presenciado a queda de seus líderes e por não conseguirem controlar a decepção. Decepção essa que

se havia misturado à indignação, à mágoa e à vontade de fazer justiça com as próprias mãos.

Por outro lado, mesmo sentindo-se traídos, muitos preferiram calar, por enfrentarem problemas semelhantes. Alguns lidavam com sentimentos homoafetivos e optaram por continuar a manter sigilo, uma vez que a multidão da igreja poderia voltar-se contra eles, como ocorrera em relação ao irmão de Roberto. Para alguns, esconder trazia segurança, mesmo que falsa. Nesse grupo, embora ninguém chegasse a ter um filho fora do casamento, alguns haviam “pulado a cerca”. Então, consideraram melhor calar-se, pois estavam “debaixo do mesmo teto”. Uma tomada de posição seria um tiro no pé.

Havia ainda um terceiro grupo, minoritário e silencioso. Eram pessoas que faziam perguntas cruciais: “Alguém poderia ter impedido o ocorrido?”; “E agora que aconteceu, como ajudar?”; “E se fosse comigo, como eu gostaria de ser tratado?”.

Roberto e Rose assistiam a essa situação dramática com dor no coração. As famílias estavam doentes e precisavam de ajuda. A igreja também estava doente, e uma igreja doente não sabe como expressar graça. Por isso, sente-se impelida a punir.

E você? Se você fosse o pastor dessa igreja, como lidaria com o caos reinante? Se você fosse Roberto, como trataria seu irmão? Se fosse a mãe de Rose, como trataria o marido?

Roberto e Rose nunca imaginaram que um dia lidariam com aquele tipo de problema. A igreja, muito menos. Pressionada para manter a imagem de disciplinadora e de não “dar moleza para o pecado”, excluiu da comunhão o pai de Rose e o irmão de Roberto. Envergonhada, toda a família do irmão de Roberto — a esposa, os pais e tios dela — deixou a igreja. Afinal, eles eram a família que tinha um problema. Entre eles, havia um homoafetivo, que trocara a esposa por um homem.

Por ser um dos líderes da igreja, o pai de Rose foi acusado publicamente de adultério, mesmo sem estar presente. A congregação foi informada de que ele estava sendo destituído da

liderança do diaconato e do rol de membros da igreja. Rose, então, preferiu deixar de congregar ali. Como ela mesma disse: “Preciso de um tempo para me recuperar. Um pai adúltero e um cunhado homoafetivo corroeram minha mente”.

O mais interessante é que, em toda essa história *tsunâmica*, ninguém fez a primeira pergunta que todo cristão deve fazer a si mesmo: *Como Jesus agiria?* Nunca é fácil para uma pessoa, uma família ou uma igreja lidar com situações como divórcio, recasamento, adultério e homoafetividade, entre outros tipos de problema. E a questão se torna ainda mais grave quando a família esconde a situação ou quando a igreja que nunca precisou lidar com problema semelhante se vê obrigada a fazê-lo.

Em nossa história, não só o irmão de Roberto e sua família precisavam de ajuda. Eles mesmos precisaram ajudar, pois todos sofreram com o ocorrido, e o sofrimento pode ser maior ainda se a igreja não tratar a questão de forma bíblica. Muitas vezes a dureza destrói. E, ao destruir, impede a restauração. Porque, do ponto de vista bíblico, firmeza sempre precisa ser permeada por graça. Firmeza sem graça produz legalismo e soberba.

A maneira de demonstrar firmeza e graça é um dos grandes desafios que famílias e igrejas precisam enfrentar quando lidam com temas como a homoafetividade. Até porque essa questão nem sempre surge isolada: outros problemas vêm a reboque. Mas, em virtude do contexto da sociedade atual, que lida com o valor da liberdade sexual de modo incorreto, famílias e igrejas vivem carentes de uma abordagem corajosa, humilde, firme e amorosa quando o assunto é homoafetividade.

Uma primeira reação hostil ou fria contra o pecado pode impedir a restauração daqueles que desejam e precisam ser restaurados. Em contrapartida, uma atitude de acolhimento sem respaldo bíblico pode gerar leniência com o pecado. Surge então a dúvida: existe uma receita única para conduzir tanto a família como a igreja aos mesmos resultados? Com certeza não. No entanto, há uma pergunta que *sempre* deve ser feita: *Como Jesus agiria?*

Neste livro, portanto, não pretendemos prescrever nenhuma receita. Tampouco dar a palavra final sobre o tema. Nosso objetivo é discutir o significado de textos bíblicos que tratam da questão da homoafetividade e sua aplicação contemporânea e, com base neles, sugerir a indivíduos, famílias e igrejas como lidar com o desafio da homoafetividade, nos dias de hoje, quando a sociedade e a mídia procuram tornar a prática homoafetiva comum, aceitável e bonita, em oposição ao que a Bíblia ensina.

Deus traçou o caminho da sexualidade sadia, a fim de que a pessoa seja satisfeita com suas características de indivíduo sexual. Ele aponta para as consequências da sexualidade vivida fora dos parâmetros que estabeleceu. Quando alguém foge desses parâmetros, sofre. Um sofrimento que Deus, como Pai, não gostaria que seus filhos enfrentassem.

Ao longo das próximas páginas, procuraremos pensar, juntos, em como Jesus trataria indivíduos com a questão homoafetiva e como famílias e igrejas podem refletir a atitude de Cristo. Nosso foco estará na firmeza e na graça de Deus ao lidar com esse tema tão delicado.

Roberto e seu irmão, Rose e seu pai, as respectivas famílias e a igreja à qual pertenciam nunca imaginaram que enfrentariam um problema como esse, que teriam de lidar com a confusão e a dureza de coração. Mas, apesar dos muitos questionamentos em situações como as vividas por essas famílias, existe, sim, esperança — uma esperança que o amoroso Senhor Jesus Cristo quer prover. Ele sempre tem a forma certa de intervir, ajudar e transformar tempestades em paz.

Em Jesus sempre há direção e liberdade, disponibilizadas no tempo dele. Cristo, nossa esperança, não desaponta (Rm 5.5).

Deus o abençoe nesta leitura.